ECOS DE FRANCISCO

PAULO SUESS

MISSÃO E MISERICÓRDIA

A transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii gaudium*

Paulinas

1

Panorama

O primeiro capítulo da Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG, 2013) é como se fosse o fundo musical de uma sinfonia intitulada "A alegria do Evangelho". Mas como a gente nasce gritando e a canção é uma conquista posterior, assim também a alegria do Evangelho é uma conquista, um aprendizado, em meio a gritos, sofrimentos e tristezas. A alegria do Evangelho não faz da dor um rodapé da vida, mas atravessa a dor e a cruz na esperança da ressurreição.

Num mundo de aceleração dos processos de produção e reflexão, em que não somente os produtos de mercado, mas também os paradigmas de pensamento são rapidamente descartados, o "intervalo criativo" que a EG nos impõe pode ser compreendido como revisão de vida ou reparo emergencial, comparável aos *pit stops,* intervalos que os pilotos da Fórmula 1 são obrigados a fazer em suas corridas. Esses pequenos intervalos servem para trocar pneus, retirar fuligem das entradas de ar e reabastecer o tanque com combustível. A EG pode-se considerar um desses *pit stops* da Igreja universal na corrida cinquentenária pós-conciliar, um realinhamento e reabastecimento da caminhada entre a raiz do Evangelho, a caminhada desde o Vaticano II e o horizonte da EG.

Comparar a *Evangelii gaudium* com um *pit stop* na corrida de Fórmula 1 também é procedente, porque não estamos sozinhos na pista – o próprio capitalismo é um desses pilotos

disputando na mesma pista, onde se oferece como "bem-estar" uma medalha de ouro para 1% dos vencedores da humanidade, enquanto mais da metade dos seres humanos é consolada com medalhas de latão, sonhando para os bisnetos a medalha do "bem viver".

Correm conosco também o movimento ecumênico e setores com outras leituras do Evangelho. Às vezes, as fronteiras entre zelo autêntico pela transmissão da fé e patologias proselitistas são difusas. Competem nesta pista ainda, com uma torcida crescente, não somente seitas fundamentalistas, mas o mundo secularizado e a própria modernidade ocidental, com suas exigências e promessas de historicidade, subjetividade, autonomia e racionalidade – promessas, ao mesmo tempo, cumpridas e traídas.

Também nos encontramos numa situação concorrencial de mercado religioso, em que devemos distinguir entre dois programas opostos: o da inculturação, ou inserção no mundo, e o da alienação cultural, que assume valores capazes de destruir a proposta do Evangelho. Essa alienação cultural não dispensa os esforços da encarnação. Jesus não se encarnou num mundo perfeito, pelo contrário, tornou-se vítima de um mundo imperfeito. A missão se encarna nas limitações humanas (cf. EG 40-45).

Diante do mundo e de sua realidade sociocultural, tomando como ponto de partida o método indutivo, devemos aprender a transformar situações de concorrência em situações de cooperação. A encarnação tem essa finalidade. "Jesus de Nazaré encarnou-se por causa da nossa salvação." Encarnação, inserção ou inculturação precedem à libertação salvífica, Natal precede à Páscoa.

As paradas para corrigir erros ou trocar pneus gastos podem ser chamadas de inícios de "conversão" e de "reforma permanente" (EG 26; UR 6). Trata-se de uma conversão das pessoas e das estruturas: "Há estruturas eclesiais que podem

chegar a condicionar (frear) um dinamismo evangelizador" (EG 26), escreve o papa. Estruturas podem corromper a mensagem, frear a caminhada e impossibilitar a transformação almejada. Na EG, Francisco retoma a esperança do Papa João XXIII, que convocou o Concílio Ecumênico para "restituir ao rosto da Igreja de Cristo o esplendor dos traços mais simples e mais puros de suas origens".[1]

O título deste livro nos encaminha, com três palavras fortes – "missão", "transformação", "misericórdia" –, para a leitura da *Evangelii gaudium* (2013), que trata da "alegria do Evangelho" no anúncio de uma Boa-Nova ao mundo atual. "Missão" e "misericórdia" exigem a "transformação" de uma Igreja institucionalmente sedentária, às vezes, prisioneira de uma "tradição desfigurada" e enrijecida no decorrer de sua história. "Ganhamos plenitude quando derrubamos os muros e o coração se enche de rostos e de nomes" (EG 274).

Para o autor da *Evangelii gaudium* (EG), essa não era uma tarefa fácil. Para seus leitores, será uma leitura cheia de surpresas e estímulos para sua vida pessoal e o futuro da Igreja, desde que eles não confundam a transformação missionária da Igreja por meio da demolição de paredes de séculos passados com os questionamentos de sua autorreferencialidade em tempos atuais.

Ao assumir seu pontificado, o Papa Francisco percebe que o corpo eclesial precisa de uma transformação curativa de sintomas eclesiais de depressão e autorreferencialidade. A receita experimentada na periferia de Buenos Aires, Francisco propõe agora para a Igreja universal, tendo os seguintes imperativos como categóricos:

---

[1] Mensagem da CNBB sobre a celebração do 50º aniversário do Concílio Ecumênico Vaticano II (26.04.2012).

- "Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário" (EG 80).
- "Não deixemos que nos roubem a esperança" (EG 86).
- "Não deixemos que nos roubem o Evangelho" (EG 97).
- "Não deixemos que nos roubem a força missionária" (EG 109).

Quem são esses ladrões que roubam o entusiasmo, a esperança e o próprio Evangelho? O abismo entre pobres e ricos, a depressão e a autorreferencialidade com seus anexos de autoritarismo, fundamentalismo e consumismo. O remédio proposto pelo papa, para todos esses males, é o reavivamento da "natureza missionária" do povo de Deus. Ele é o antídoto contra o esquecimento da "natureza missionária" e o sufocamento da "alegria do Evangelho" entre os batizados.

No encontro com a Comissão de Coordenação do Celam, durante a Jornada Mundial da Juventude, em 28 de julho de 2013, no Rio de Janeiro, Francisco explica as dimensões da missão, segundo o evento de Aparecida: Aparecida, disse Francisco, "prolonga-se na Missão Continental", que tem duas dimensões: a programática e a paradigmática. A primeira se refere a "atos de índole missionária". A segunda, a

> missão paradigmática, por sua vez, implica colocar em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares. Em consequência disso, evidentemente, verifica-se toda uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais. A "mudança de estruturas" (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do organograma funcional eclesiástico, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão.[2]

---

[2] *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 2013, p. 133s.

Nos 50 anos pós-conciliares, essa "natureza missionária" não foi esquecida. Estava presente em simpósios e conferências, em faculdades de Teologia e em dioceses, em congregações missionárias e nas Obras Pontifícias (POM), mas o vínculo entre batismo e missão não alcançou ressonância significativa no povo de Deus, algo que é necessário para transformar a Igreja e o mundo. O Papa Francisco assume a "natureza missionária" do povo de Deus como pilar de sustentação de seu projeto pastoral e eclesiológico. A *Evangelii gaudium* (EG) representa um "intervalo criativo" para reabastecer a reflexão e a prática missionárias do povo de Deus.

2

Proposta

Antes de sua publicação, os três principais documentos do Papa Francisco – a *Evangelii gaudium* (2013), a *Laudato sí* (2015) e a *Amoris laetitia* (2016) – já despertavam uma grande curiosidade na mídia e também no interior das Igrejas. Parecia que o Vaticano ia lançar um novo volume de *Harry Potter* ou uma versão mais avançada do iPad, da Apple, ou do Android, da Google. A ânsia por novidade, por um lado, e por autenticidade, por outro, encontrou no jeito despojado do Papa Francisco alguma razão de ser.

A novidade parecia se chamar Francisco pela sua origem "do fim do mundo", sua comunicação direta, seus gestos, seu estilo de vida, além disso, sua proximidade aos socialmente excluídos produziu um "choque de gestão" eclesial. O papa sabia que essa "novidade" poderia aparecer como "personalismo", que ele queria combater, ou como rupturas, desde que não sejam fundamentadas no Evangelho e na tradição. Por isso, o Papa Francisco faz um grande esforço para não legitimar essas novidades com sua pessoa, mas com a novidade provocativa do Evangelho. Tudo dependerá, escreve na EG, de "um anúncio renovado", que proporciona "aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé" (EG 11). A novidade está em Jesus Cristo, que "é a boa-nova de valor eterno. [...]. Sua riqueza e beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem e fonte de constante novidade" (EG 11). Seus mistérios são inesgotáveis.

Em sua mensagem aos colegas do pré-conclave, o Cardeal Bergoglio antecipou elementos essenciais da *Evangelii gaudium* e propôs ao próximo papa sua expectativa e visão pastoral de Igreja, elencando quatro exigências:

Primeiro: evangelizar supõe zelo apostólico e audácia que impulsionam a saída de si mesmo e um caminho com rumo certo: periferias geográficas e existenciais. Essas periferias têm nomes concretos. São periferias do mistério, do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e da recusa religiosa, do pensamento e de toda miséria.

Segundo: a saída de si mesma liberta a Igreja de sua autorreferencialidade. Os males e as corrupções das instituições eclesiais têm raiz na autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. Jesus bate de fora e de dentro nas portas da Igreja. Nós, às vezes, somos os carcereiros desse Jesus, e o prendemos, com exclusividade, no pensamento das nossas organizações.

Terceiro: a autorreferencialidade substitui o Sol de Cristo pela Lua da Igreja. Essa substituição do Sol pela Lua funciona como um divisor de águas entre dois modelos de Igreja: a Igreja evangelizadora, que sai de si até os confins do mundo, e a Igreja mundana, que vive em si, de si e para si, com títulos, competições "para dar-se glória uns aos outros". Para possíveis reformas da Igreja, deve-se escolher entre esses dois modelos.

Quarto: para concluir essas tarefas, o próximo papa deverá ser "um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo [...] ajude a Igreja a sair de si para as periferias existenciais, que a ajude a ser a mãe fecunda que vive da "suave e confortadora alegria de evangelizar'" (EN 80).[1]

---

[1] Intervenção do Cardeal Bergoglio no pré-conclave e itinerário do texto: <www.ihu.unisinos.br> (Notícias, 26.03.2013).

Essas poucas linhas representam indicadores essenciais para a construção de uma Igreja que se desloca para a periferia e, num mundo de aceleração, encontra tempo para cuidar, gratuitamente, daqueles que ficaram para trás e que, no frenesi da aceleração de todas as funções da vida, perderam o fôlego. "Não deixar ninguém para trás" é uma declaração de guerra à sociedade de classes, que alimenta os vencedores, como urubus, com a carniça dos vencidos.

Também na Igreja do Brasil, desde o Documento n. 80 da CNBB, intitulado "Evangelização e missão profética da Igreja", de 2005, era esperado um papa que compreendesse a evangelização como "uma ação eminentemente profética, anúncio de uma Boa-Nova portadora de esperança",[2] considerando sempre "a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social".[3]

Como a crise mundial sempre atinge primeiro a vida mutilada dos pequenos, Francisco se encontra em suas viagens primeiro com os outros, os pobres e os, sistemicamente, deixados para trás e que caíram nas mãos de ladrões, como é paradigmaticamente descrito na parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37). Os pobres, que têm questões concretas como casa, comida e trabalho, são o centro de radiação de sua teologia. Os pobres, os famintos e os que sofrem, em primeiro lugar! E através deles, ele chega ao Evangelho, à ecologia e à vida familiar. Através da assunção dos outros, dos pobres e dos esquecidos, Francisco procura devolver ao Evangelho ressonância no mundo e criar espaços na Igreja.

---

[2] *Evangelização e missão profética da Igreja: novos desafios*. São Paulo, Paulinas, p. 22 (Documentos da CNBB, n. 80).

[3] Ibid., p. 21; EN 29.

A sensibilidade política do peregrino Francisco, a autenticidade de seus gestos e sua presença de espírito na própria Igreja produziram um interesse público em seus escritos e falas, sobretudo quando são espontâneas, como nunca se experimentou nos últimos séculos na Igreja católica. Finalmente chega alguém à cátedra de Pedro que tem a coragem de falar claro, e sem fórmulas diplomáticas, do óbvio, de mudanças necessárias na Igreja, do direito fundamental do acesso a um teto, ao trabalho e a um pedaço de terra para viver. Finalmente Deus nos envia alguém com a capacidade de qualificar, não só teologicamente, mas na vida concreta, o outro como imagem de Deus – o pobre e os que ficaram para trás – a partir de uma fraternidade universal, como irmãos e irmãs de uma família humana. Seu resgate é um imperativo categórico do Cristianismo.

Francisco assume como projeto de seu pontificado os três grandes problemas estruturais da sociedade mundial: o reconhecimento do outro, a redistribuição dos bens para todos e a desaceleração dos processos de trabalho e vida.

Com a *Evangelii gaudium*, ele procura colocar a sua Igreja em estado de alerta e em postura de saída, a fim de ter um encontro com aqueles que, faz tempo, saíram ou nunca entraram na Igreja. Lembramo-nos de sua primeira viagem como papa ao exterior, para Lampedusa (2013). Em suas viagens pela América, ele também visita primeiro os países pobres, como Equador, Bolívia e Paraguai. Cinquenta anos depois do Vaticano II, ele dá vida nova à Constituição pastoral *Gaudium et spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, de 1965, e dá à polaridade entre "alegria" e "tristeza", entre "esperança" e "angústia", muitas vezes separadas por muros, o binômio com o significado de uma ponte: "missão e misericórdia".

O título da *Evangelii gaudium,* A alegria do Evangelho, é quase um pleonasmo. Se o Evangelho é uma "boa notícia",

então é óbvio que essa "boa notícia" suscite "alegria". Mas, às vezes, é necessário falar de um novo jeito do óbvio esquecido, do simples, que se tornou sofisticado, do claro obscurecido, do central que virou periférico e do conselho evangélico transmitido com dedo em riste e como receita. A Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, do Papa Francisco, dirige-se ao público interno da Igreja e fala de uma nova maneira do "anúncio do Evangelho no mundo atual".

A *Evangelii gaudium* está sintonizada com a *Evangelii nuntiandi*, a Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, de Paulo VI, que já em 1975 definiu o anúncio do Evangelho como "proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens e mulheres, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus" (EN 27). Essa misericórdia tem sua raiz na justiça de Deus, que é a justiça da ressurreição e que se desdobra na gratuidade e no perdão. A misericórdia, que é a linguagem das mãos estendidas, é, segundo Tomás de Aquino, a "maior de todas as virtudes" e na qual Deus "manifesta sua onipotência" (EG 37).

A missão anuncia essa onipotência divina na fragilidade do presépio e da cruz, lugares onde Deus se revela pequeno e vulnerável e que interpelam nossa fé e nossa esperança. A esperança brota no território da misericórdia e da paciência. Faz parte da missão "acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia" (EG 44). Na solidariedade frágil do presépio e da cruz, ao nascer e morrer, Deus mostra a abrangência de seu amor.

Missão sem misericórdia seria uma nova missão colonial que dita as regras do jogo e submete o outro à interpretação

limitada da própria doutrina. Na missão colonial, as obras precedem a graça e, afinal, fica sem graça.

Misericórdia sem missão significaria isolamento na autorreferencialidade e guardar para si – o papa fala de "autopreservação" (EG 27) e de se tornar "vítima de uma espécie de introversão eclesial" (ibid.) – o grande benefício do Cristianismo, o anúncio da misericórdia de Deus. Mas "a salvação, que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a si" (EG 112). E essa graça é dinâmica. Não é propriedade daquele que a recebeu. Ela permanece viva na doação, no anúncio e na prática da misericórdia.

> A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! (EG 24).

Deus nos prioriza e "antecipa, pelo que, com a nossa intercessão, apenas possibilitamos que o seu poder, o seu amor e a sua lealdade se manifestem mais claramente no povo" (EG 283). Por trás dessas palavras está a experiência mística do próprio Mario Bergoglio, que, ainda como jovem estudante de 17 anos, se sentiu "priorizado" por Deus, "agarrado por dentro" e arrastado ao confessionário, lugar da misericórdia de Deus.[4]

---

[4] HIMITIAN, Evangelina. *A vida de Francisco: o papa do povo*. São Paulo, Objetiva, 2013, p. 24.

Esse episódio ressoa também em seu lema episcopal, do Evangelho da vocação de Mateus: "fitou os olhos com misericórdia nele e o escolheu – *miserando atque eligendo*" (cf. Mt 9,9ss).

A transformação missionária da Igreja descrita no primeiro capítulo da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, será um processo interminável, porque pressupõe "cristãos virtuosos" e transformações culturais. Essas transformações, por serem históricas, nunca serão completas. O "cristão virtuoso", segundo Max Weber, seria um cristão ideal, completo, fora de série, heroicamente ascético, em todas as dimensões éticas da vida cristã. Para a canonização de um santo, a Igreja exige apenas que ele tenha vivido *uma* virtude, heroicamente. "A transformação missionária da Igreja" é um horizonte e o próprio papa fala de um sonho: "Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação" (EG 27).

Apesar de algumas semelhanças, o Papa Francisco não é um "sonhador" como José do Egito, contra quem os irmãos, por ciúme, tramaram a morte, lançando-o numa cisterna (cf. Gn 37). Francisco sabe que o sonho pode estimular a realidade, mas que não deve substituí-la nem se desligar dela.

O ideal da "transformação missionária" de uma Igreja mundial não caminha sem a realidade corriqueira de uma administração paroquial e curial, sem funcionários, que têm contas para pagar, e voluntários aos quais o sistema econômico ainda deixou um espaço a sua disposição, nem sem pessoas concretas, que sempre serão ao mesmo tempo santas e pecadoras. Em várias ocasiões, Francisco insiste em ressaltar a importância

do caráter missionário da paróquia. Em comunidades e paróquias, realiza-se o "ir ao encontro", seja nas periferias urbanas, continentais ou do mundo globalizado. E essas periferias podem ser próximas ou distantes, geográficas, sociais, culturais ou psicológicas. No mundo globalizado, a missão *ad gentes* passa de porta em porta.

Para a percepção dessa missão que vai de porta em porta, a EG lembra as Conclusões de Medellín (CM), que já prometeram, em 1968, a revisão de "uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização" (CM 6,1), cobrou dos sacerdotes "uma especial solidariedade de serviço humano, expressa numa viva dimensão missionária" (CM 6,17) e sonhou com "uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal" (CM 5,15). Aparecida repete tudo isso ao propor uma paróquia "casa dos pobres" (DAp 8) e samaritana (DAp 176), missionária (DAp 173, 306) e pascal (cf. DAp 267), desburocratizada (DAp 215), profética (DAp 220, 342, 414, 451) e com estruturas novas de participação (DAp 365). Em Aparecida já escutamos a voz do redator responsável pelo documento final, Jorge Mario Bergoglio.

A partilha das experiências pastorais em nossas realidades faz parte do método de trabalho missionário. Não só as paróquias como também as Conferências Episcopais são espaços vitais para a partilha dessas experiências: "Faz falta, pois, uma progressiva valorização do elemento local e regional. Não é suficiente a burocracia central, mas é preciso fazer crescer a colegialidade e a solidariedade; será uma verdadeira riqueza para todos".[5] O método indutivo não funciona numa Igreja centralizada, cuja distância da realidade diminui sua capacidade de entendê-la.

---

[5] *Palavras do Papa Francisco no Brasil (JMJ)*. São Paulo, Paulinas, 2013, p. 103.

Entre o ideal e a realidade poderia existir uma vigilância recíproca. Mas quem pode controlar a rigidez administrativa e o sedentarismo acomodado de um setor numa Igreja na qual o outro setor representa uma Igreja em saída, portanto, uma Igreja missionária que "não está nem aí" (porque saiu) para fiscalizar os "dormentes" que deveriam segurar os trilhos?

Sabemos que a luz elétrica é gerada somente a partir de dois polos opostos. Francisco, que procura derrubar muros e construir pontes, propõe, desde o início de seu pontificado, que haja sempre a interação de polos opostos para a realização de qualquer atividade pastoral: o sonho e a realidade sem muros, missão e misericórdia como ponte.